

THE GREAT GARRICK / 1937

(O Grande Garrick)

um filme de James Whale

Realização: James Whale / **Argumento:** Ernest Vajda / **Fotografia:** Ernest Haller / **Montagem:** Warren Low / **Direcção Artística:** Anton Grot / **Musica:** Adolph Deutsch / **Caracterização:** Perc Westmore / **Interpretes:** Brian Aherne (David Garrick), Olivia de Havilland (Germaine), Edward Everett Horton (Tubby), Melville Cooper (Picard), Lionel Atwill (Beaumarchais), Henry O’Heill (Sir Joshua Reynolds), Luis Alberni (Basset), Lana Turner (Auber), Marie Wilson (Nicolle), Linda Perry (Molee), Fritz Leiber (Horatio), Etienne Girardot (Jean Cabot), Dorothy Tree (Madame Moreau), Craig Reynolds (Janin), Albert van Dekker (Le Brun), Paul Everton (dono da estalagem), Trevor Bardette (Noverre), Milton Owen (Thierre), Chester Clute (Moreau), E.E. Clive (vendedor), Jack Norton (bêbedor), Harry Davenport (dono do “Turk’s Head”).

Produção: Mervin Le Roy para a Warner Bros / **Cópia:** 35mm, preto e branco, versão original com legendas eletrónicas em português, 89 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, Setembro de 1937 / **Estreia em Portugal:** Politeama, a 10 de Dezembro de 1941.

The Great Garrick, é apresentado em “double bill” com **Le Carrosse d’Or**, de Jean Renoir (“folha” distribuída em separado).

Entre a projecção dos dois filmes há um intervalo de 20 minutos

The Great Garrick foi um- dos poucos filmes que James Whale realizou fora da Universal e o único que fez para a Warner. Depois de **The Road Back**, Whale estava desiludido com a nova administração do estúdio onde era o realizador principal. David Lewis, que foi, desde o momento em que chegou a Hollywood até à sua morte, o seu melhor amigo, conseguiu fazer com que tanto Hal Wallis como Mervin Le Roy da Warner se interessassem por Whale; a ideia que surgiu foi que Whale se encarregasse de **The Great Garrick**, um filme que contava com a participação de Olivia de Havilland e Brian Aherne. Na Universal, Whale tinha trabalhado com actores excelentes, muitos deles oriundos dos palcos londrinos, mas à excepção de Jean Harlow e Bette Davis (ambas em início de carreira), nunca trabalhara com uma “super-estrela” – aliás, tal concepção era alheia ao seu modo de pensar: quanto mais desconhecidos fossem os actores, mais ele se sentia habilitado a produzir um filme que valesse por si só. **The Great Garrick** foi, portanto, o primeiro passo dado com rumo a “outro” cinema.

Com **The Great Garrick**, Whale estava novamente na localização dramática onde gostava, acima de tudo, de se encontrar: Inglaterra. Mesmo quando a acção do filme passa para França, o facto de a protagonista ser o ídolo dos palcos londrinos constituiu, para Whale, uma espécie de laço afectivo com a cultura a que, depois de sete anos nos Estados Unidos, nunca deixou de sentir que pertencia. No entanto, esses mesmos laços iam esmorecendo-se a pouco e pouco: durante as filmagens de **The Great Garrick**, morreu Colin Clive, de alcoolismo misturado com pneumonia. Tinha sido um dos actores preferidos de Whale e um grande amigo. Whale -recusou-se a ir ao enterro e continuou, o melhor possível, a farsa de **Garrick**, onde era fundamental que mantivesse o sentido de humor intacto.

O argumento de **The Great Garrick**, de autoria de Ernst Vajda e Rowland Leigh, é uma alegre fantasia, que nada tem a ver com a vida do actor pintado por Gainsborough. Assenta, porém, em dois dados biográficos conhecidos: o seu génio e a sua vaidade. “*A conceited popinjay*” é como Beaumarchais (Lionel Atwill) o qualifica e é devido a isso que os actores da Comédie Française decidem montar a tentativa de o ludibriar que o filme conta. Consequentemente, o *clou* dramático do filme é a circunstância de termos uma troupe de actores hollywoodianos relativamente talentosos a fingirem que são actores geniais a representarem medianamente papéis que não são os que melhor lhes ficariam. Só Garrick (Brian Aherne), Germaine (Olivia de Havilland) e Tubby (Edward Everett Horton) estão fora deste jogo (para além do *souffleur*, até que ponto é que Jean Cabot não terá influenciado Clemens Krauss na concepção de Monsieur Taupe no **Capriccio** de Richard Strauss? Pergunta, obviamente, sem resposta. Depois de **The Road Back**, não é provável que a Alemanha tenha querido importar outros filmes de James Whale. Tal golpe dramático é reforçado por dois factores embrenhados um no outro: o facto de Garrick achar que Germaine também é uma má actriz, o que se complexifica ainda mais (para o espectador, claro está) porquanto Germaine não está a fazer mais do que desempenhar a *persona* que Olivia de Havilland sempre representou em todos os seus filmes. Assaz rebuscado, dirá o leitor; mas estamos em pleno rococó, e os arabescos têm de se entrelaçar uns nos outros. E como se tem vindo a reparar nos filmes de Whale, a câmara vai executando os seus próprios arabescos, como se dançasse, também, ao ritmo de uma requintada *gavotte*.

Garrick é apresentado antes de aparecer em cena (literalmente: vemo-lo a fazer de Hamlet numa encenação que nos parece bastante divertida) quando um vendedor ambulante tenta vender o seu retrato. É logo, desde o primeiro momento – como se não bastasse o título a proclamá-lo – o “Grande Garrick”. Cabe, pois, à narrativa desmascará-lo como “*a great fool*” Este é também o propósito dos actores da Comédie Française, que encenam, com a ajuda de Beaumarchais, uma sucessão de sustos, um pouco na linha do que acontece ao Barão Ochs no 3º acto do **Cavaleiro da Rosa**. Devido ao facto de Garrick já ter sido avisado pelo *souffleur* (e haverá figura mais apropriada para trair os segredos do teatro?), não se deixa cair na esparrela, embora nos possamos perguntar se ele não se deixasse ludibriar se não tivesse sido previamente avisado: é que Whale não poupa Garrick, apresentando os seus dons histriónicos como altamente ridículos.

As melhores sequências do filme são, pois, as de Garrick com a Comédie Française. Todos representam mal, na certeza de que é sempre o outro que não sabe representar. Germaine (Olivia de Havilland) é a única que leva tudo a sério, assustando-se com os sustos e apaixonando-se quando Garrick lhe faz uma corte da mais alta canastrice, repleta de citações de **Romeu e Julieta**, para além de outros lugares comuns. No final, prestes a estrear-se em Paris no papel de D. João (com a abertura do **Don Giovanni** de Mozart a soar da orquestra – um toque óbvio de mais), Garrick percebe que, afinal, aquilo que considerara “*bad acting*” era, de facto, “*real emotion*”. E Whale espeta-nos com um desfecho na melhor tradição de Hollywood: forçado, mas que decerto agradará aos admiradores de Olivia de Havilland, que não se queixarão de ter que perscrutar na fisionomia da sua diva o que Whale decidiu deixar em branco.

Com **The Great Garrick**, James Whale quis apagar da sua vida a humilhação que sofrera na Universal e começar outra carreira noutra estúdio. Foi, consequentemente, uma surpresa desagradável que **Garrick** não foi, nem de longe, o êxito que ambicionava. Com **The Road Back** sentiu que tinha perdido a sua integridade como artista, embora o filme fosse, mesmo mutilado, um êxito comercial; com **The Great Garrick** Whale sentiu que a sua capacidade habitual de fazer um filme comercialmente compensador lhe tinha escapado. Engoliu a desilusão. Só que a Warner – onde tinha encontrado o respeito e a admiração pelo seu talento que ultimamente tinham desaparecido da Universal – nunca mais lhe pediu para fazer outro filme.

Frederico Lourenço